

## Editorial

Nesta última edição do ano de 2015 da Regepe gostaria de agradecer ao trabalho incansável dos avaliadores que colaboram com mais uma edição deste periódico que é fruto de sonho acalentado por muitos em torno do empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. Nesta edição da Regepe, temos sete artigos e um caso de ensino em empreendedorismo e com isso colaboram mais de 15 avaliadores que contribuíram para a melhoria dos trabalhos.

A atividade de avaliação, por certo, não tem estado entre as prioridades de muitos de nossos colegas e, para aqueles que aceitam tal tarefa, ficam as solicitações sempre presentes, concorrendo com as mais variadas demandas que compõem a vida dos docentes. Enfatizo a palavra docente porque é isso que somos em primeiro lugar. Penso que, no Brasil, salvo raríssimas exceções, não somos pesquisadores, mas professores que fazem pesquisa. Assim, por um lado temos as instituições de ensino superior que miram no desempenho em sala de aula e nas mais variadas atividades administrativas. Além disso, temos os organismos reguladores da pós-graduação que nos exigem pesquisa de alto impacto, produção crescente e, não vamos esquecer, do impacto social da nossa atividade de pesquisador. Paraphrasing Milton Nascimento, *todos os docentes têm de ir onde as empresas, ongs, escolas públicas e outros estão*. Nesse meio tempo, surgem as avaliações de artigos e os professores ainda encaixam mais esta atividade em seu dia, noite, madrugada e final de semana. Então, àqueles que têm estado ao lado da Regepe nesta caminhada, somente tenho a agradecer.

O primeiro artigo desta edição é de autoria de Orsiolli e Nobre. Os autores conectam o desenvolvimento sustentável ao empreendedorismo utilizando o Sistema Mandalla de Produção Familiar Rural (SMPFR). Para os autores, o empreendedorismo se torna sustentável à medida que proporciona condições necessárias para a criação de valores econômicos, sociais e ambientais, de maneira conjunta, por meio de suas estratégias de negócios.

No segundo artigo, Vaz, Teixeira e Olave analisam as motivações de mulheres para criar empreendimentos sociais. Os autores destacam que existem fatores ambientais que motivam tal ação, assim como as mulheres são influenciadas pela família e por sentirem necessidade em ajudar ao próximo. Eles destacam também a contribuição de instituições de ensino, movimentos sociais e associações de moradores como catalisadores deste tipo de iniciativa.

O artigo de Batista, Lopes, Watanabe e Souza traz uma análise do processo sucessório de três empresas familiares. Para eles, os processos aconteceram sem planejamento explícito dos seus fundadores, sendo que os escolhidos para administrar as empresas foram os filhos homens, alegadamente por estarem na empresa com o fundador desde pequenos.

O quarto artigo de Silva e Scheffer tem por objetivo investigar a maneira com que tem sido construída e praticada a gestão de pessoas nos pequenos empreendimentos. Em acordo com os resultados da investigação, as práticas de gestão de pessoas nas neste tipo de empresa é pautada nas vivências e nas experiências de seus proprietários com forte influência do paternalismo e presença de

algumas ideias diferenciadas. Para além destes resultados, elas percebem que as pequenas empresas podem ser um espaço de possibilidades para a carreira daqueles provenientes de grandes empresas.

Já no artigo de Borges e Leal, os autores enfatizam a relevância da informação contábil para as pequenas empresas e mostram como a falta de conhecimentos acerca do tema pode prejudicar a implementação de sistemas de informação e, por consequência a possível perda de eficiência no processo decisório de tais empresas.

No sexto artigo, de Fontenele, Brasil e Souza, os autores buscaram analisar a influência dos antecedentes pessoais, das competências empresarias e do ambiente institucional na intenção empreendedora dos discentes em uma instituição de Ensino Superior. Os resultados do estudo mostraram que o contexto familiar (existência de familiares empreendedores) e as condições institucionais dos estudantes não parecem influir no seu desejo de criar um negócio, mas encontraram relação positiva entre a percepção do aluno sobre os seus conhecimentos acerca de estratégia e a sua intenção empreendedora. Desse modo os resultados revelam que a intenção do empreender depende deles e não do ambiente ou da família.

No sétimo artigo, de Pinotti, Andreassi, Machado e Salussi, os autores buscaram compreender como indivíduos com formação e carreira em áreas eminentemente técnicas, como engenharia, química e biologia, tornam-se empreendedores, identificando as experiências que os influenciaram a mudar da carreira técnica para a carreira empreendedora. Diferentemente do artigo anterior em que a família parece não interferir na percepção do estudante, neste estudo o entorno familiar aparece como fator relevante. Os resultados obtidos mostram que o entorno familiar exerce grande influência na decisão de empreender, especialmente se o profissional técnico teve um modelo de educação que lhe trouxe independência e autoconfiança e se a família for um “porto seguro” para as incertezas da vida empreendedora.

A oitava produção desta edição é um caso de ensino em empreendedorismo de autoria de Lima, Thurler e Nassif. Os autores narram a trajetória da Mega Lanche's. Recomendo o uso deste caso em sala de aula para ilustrar as dificuldades de um pequeno empreendimento se apresentam, além em especial, dos modos de se fazer muito com pouco, o valor das pequenas e impactantes inovações (ou inovações frugais) e como é possível um pequeno negócio, ao invés de empregar o planejamento, utilizar modos de se administrar e estratégias emergentes rumo ao sucesso.

Bem, esta é a edição de setembro/dezembro de 2015 da Regepe.

Boa leitura a todos!

Jane Mendes Ferreira

Editora Geral